

EMCATUR

A empresa de turismo vai acabar mesmo!

Texto de Beth Dalcolmo
Fotos de Murilo Rocha

Instalada oficialmente em 1968 no governo de Christiano Dias Lopes, a Empresa Capixaba de Turismo—Emcatur, está próxima do fim. Depois de uma assembléia realizada na última terça-feira, foi nomeado um liquidante que, a partir da decisão do governo estadual em acabar com a empresa, fará um levantamento do patrimônio e das dívidas. Economicamente falando, isso significa que vão calcular o ativo e o passivo e resolver então se há necessidade de vender o patrimônio para cobrir as dívidas. A decisão de realizar a liquidação foi publicada em edital no Diário Oficial e, na assembléia, foi mantida a proposta governamental de transformar a empresa em departamento da Secretaria da Indústria e do Comércio.

Quase todos os estados brasileiros, sendo o Acre a exceção, possuem empresas de turismo, estatais ou de economia mista. O Espírito Santo estará dentro em breve fazendo par com o Acre, porque a Emcatur entrou em processo de liquidação por decisão do Governo Estadual. O primeiro pensamento que surge para tentar justificar o fim da empresa está voltado para sua inviabilidade econômica, declarada pelo próprio Governo. Uma empresa de turismo tem como tarefas dois pontos principais: ser indutora do turismo local e explorar esse turismo. No caso da Emcatur, cuja atividade fundamental pareceu ser sempre a primeira, as coisas não correram do modo esperado pelo Governo quando da sua criação. Na época, a Emcatur surgiu como empresa mista porque o Estado achou que assim ela daria lucro. O tempo se encarregou de mostrar que a exploração turística desenvolvida no Espírito Santo deu prejuízos em detrimento de qualquer processo de fomento ao turismo.

CRIACÃO

Até 1972, existiu e funcionou no Estado uma Secretaria Executiva do Conselho Estadual de Turismo, responsável pela execução dos projetos do setor turístico e pela fiscalização dos recursos destinados a eles. Essa Secretaria foi extinta e seus funcionários reaproveitados quando a Emcatur foi criada, por Decreto-Lei do então governador Christiano Dias Lopes em 1967.

Instalada oficialmente em 1968, o primeiro presidente da empresa foi José Carlos Monjardim Cavalcanti, que ocupou o cargo até 1975. Segundo ele, "naquela época havia necessidade de se criar um órgão mais dinâmico que pudesse implantar e ordenar uma política de turismo no Estado. As perspectivas do Espírito



Valéria Aguiar: "Essa transformação representa um retrocesso no turismo capixaba e a consequente descaracterização da imagem da empresa".

SONHO

O projeto da Cidade do Sol que, segundo Jose Carlos Monjardim Cavalcanti, na época daria ao Estado cerca de Cr\$ 350 milhões de lucro, mais do que todo o orçamento do Estado, não foi viabilizado. Para a época era um projeto extremamente ambicioso e caro, numa área pouco acreditada, área essa que compreendia milhares de hectares.

Esse projeto foi criticado e até hoje pessoas ligadas a área de turismo acham que tudo não passou de um sonho alto da Emcatur. Sabe-se que o sonho não se tornou realidade devido à reforma do sistema bancário, que afastou a possibilidade do Banco União Comercial, através de Roberto Campos, executar o projeto, calculado em Cr\$ 50 milhões na época.

Para o presidente do Sindicato do Comércio de Vitória, Tuffi Nader,



Para Angélica Fonseca, a transformação não será prejudicial para o turismo do Estado desde que "pessoas certas ocupem lugares certos".

taurantes existentes, melhores e mais modernas condições de atendimento, sugeriu e colocou em funcionamento um programa de financiamento, subsidiado com carência em pagamento parcelado, destinado a pequenas melhorias e obras nos estabelecimentos. Então, a Emcatur começou a preparar as coisas, mas o Espírito Santo, por si só, não oferece atrativos turísticos para atender, por exemplo, diretamente, um turista argentino. Então temos que voltar ao sistema acoplado, porque não adianta ter estrada e hotel se aqui ninguém vier".

Para Valéria Aguiar, o que contribuiu e ainda contribui para dificultar as ações é o problema econômico que, segundo ela, "se agravou com o aumento do número de pessoal e na contratação de outros serviços não fundamentais. Por isso que arrochou a Emcatur, o excesso de despesas num momento em que o Estado não tem estrutura para isso. Para se chegar onde se chegou, acho que houve uma transformação do viável em inviável, isso numa análise econômica e não estrutural. Acho que as pessoas é que fazem os cargos e criam as melhores oportunidades, desde que se queira fazer um trabalho sério".

Com déficit em seu caixa, foi ficando cada vez mais difícil a situação da Emcatur. Mas, muita gente argumenta que dinheiro existe, só que é mal aplicado. Segundo Tuffi Nader, "as despesas com pessoal são absurdas e a empresa funcionaria muito bem com 15 pessoas, desde que elas entendessem de turismo. E a obtenção de recursos não é tão difícil: tanto a Embratur como a própria classe empresarial, juntamente com empresas similares, poderiam desenvolver esquemas de atuação comuns. As fichas de hóspedes, por exemplo que são cerca de 8 mil por mês, são compradas da Embratur por Cr\$ 14 e a Emcatur vende por Cr\$ 28. Então aí tem algum dinheiro e, como essa, existem outras fontes".

TRANSFORMAÇÃO

Os problemas econômicos da Emcatur foram agravados na administração de Petronilho Batista, situação imposta pela crise do próprio Estado e pela defasagem entre a ação

...turismo no Estado. As perspectivas do Espírito Santo eram as melhores e foi a ascensão de Cristiano Dias Lopes que tornou possível a concretização dessa idéia, depois de muita luta e pregação".

Como empresa de economia mista, a Emcatatur teve suas ações distribuídas entre o Estado, majoritariamente, e alguns acionistas privados. Então, desde aquela época, a empresa era dependente economicamente do Estado, e, por sua vez, esse só transferia recursos por meio de aumento de capital, ou seja, tudo ficava no papel porque o dinheiro servia para cobrir gastos com pessoal e iniciativas da empresa. A finalidade da empresa, como de economia mista, que deveria ser a viabilização do lucro operacional, não se concretizava.

Segundo José Carlos Monjardim Cavalcanti, "a Emcatatur sempre teve uma dificuldade básica e fundamental, vinculada à questão dos recursos financeiros. No período em que estive à frente da empresa, a maior preocupação foi justamente buscar opções capazes de tirar a

...escaracterização da imagem da empresa".

Emcatatur da dependência econômico-financeira do Estado. Nessa época foram planejados dois projetos especiais para viabilizar o turismo estadual: o primeiro foi a contratação do plano de desenvolvimento turístico da faixa radioativa. Este plano gerou um outro que foi o projeto do pólo urbano agroindustrial do Espírito Santo. Foi a partir desses projetos que a Emcatatur pôde adquirir o acervo da Praia do Sol, onde seria desenvolvido um projeto capaz de oferecer 15 mil unidades habitacionais. Com a Rodovia do Sol, tivemos a abertura de novas opções turísticas fora de Guarapari, que passou então a funcionar como pólo. Partiu-se então para a compra da Cidade do Sol, que era um projeto de uma cidade tecnicamente planejada para o turismo, aprovada inclusive pelo BID".

Para o presidente do Sindicato do Comércio Hoteleiro e Similares de Vitória, Tuffi Nader, "o projeto da Cidade do Sol era e ainda é meio fantástico, era um sonho, no qual se chegou a investir de alguma forma".

Depois da não execução do projeto da Cidade do Sol, a Emcatatur teve que, de alguma forma, arranjar formas alternativas de renda e, na época, a bolsa de valores estava em alta e poderia ser a salvação. Foi aplicado um milhão de cruzeiros em ações da Petrobrás (oito milhões de ações) e a empresa se viu com 15 milhões de cruzeiros de lucro, segundo informações do então investidor, José Carlos Cavalcanti. Com o lucro e mais o valor das ações, à época, Cr\$ 9,20 cada, a Emcatatur tinha razoável dinheiro "em caixa", que serviu para pagar as dívidas e ainda construir o Centro de Convenções de Guarapari. Segundo o então presidente, a empresa foi passada para Hêlio Rodrigues com um milhão e meio depositado em banco e mais essas ações, já com valor menor, e uma dívida de financiamento com o Banes.

IMAGEM

Uma empresa subsidiária da Emcatatur, a Emesa, cujo controle acionário foi passado para a Comdusa, foi a responsável pela venda, para a mesma empresa, das terras da Praia do Sol. Parece que, não havendo outra maneira de pagar as dívidas, o então presidente, Hêlio Rodrigues, teve que lançar mão desse patrimônio. Nessa época começa a ser desenvolvido o sistema integrado de turismo, mais tarde em pleno funcionamento, com o objetivo de congregar os municípios capixabas em torno do potencial turístico a ser explorado.

Depois de Hêlio Rodrigues e Wellington Barcellos, que ficaram pouco tempo à frente do órgão, assumiu a presidência, por indicação do governador Elcio Alvares, Valéria Aguiar. Nessa época a Emcatatur já tinha uma imagem firmada diante da população capixaba, mesmo com todas as dificuldades em executar seus projetos. Segundo Valéria Aguiar, "a Emcatatur já tinha problemas quando a diretoria foi modificada. Eu não aumentei o número de funcionários, apenas substituí algumas pessoas. O período de minha administração foi bom, a imagem da Emcatatur cresceu muito, inclusive a nível internacional. Tudo isso foi fruto de um trabalho conjunto, não só do pessoal da empresa como equipe, mas também pelo estabelecimento de ligações com outros órgãos de turismo do Estado e de fora dele".

Nessa época, foram criadas as lojinhas de artesanato, foi melhor aproveitado o potencial do Radium Hotel, patrimônio da empresa até hoje, e incrementada a melhor aproveitação do Centro de Convenções. Tudo foi feito para se obter fonte de renda que pudesse cobrir outras iniciativas e os gastos administrativos. Durante esta administração o capital da empresa foi novamente aumentado: foi contraído um financiamento para a execução da operação verão, no valor de Cr\$ 150 mil e finalmente, aconteceu a reforma do Radium Hotel, numa tentativa de atrair para lá maior número de turistas.

Segundo Valéria Aguiar nesse período foi desenvolvido um maior trabalho junto à Embratur, o que deu condições de crescimento à empresa e elaboração de grandes projetos. "O Espírito Santo tem um potencial ainda subaproveitado. A infra-estrutura turística, basicamente voltada para as praias, ainda é falha e deve-se pensar em turismo nos outros locais como a Gruta do Limoeiro, a Lagoa Juparanã e

...os lugares certos".

as regiões montanhosas. Esses projetos existem, mas não sabemos como serão encaminhados e nem quando".

Até abril de 1979, o quadro de funcionários da Emcatatur, segundo Valéria Aguiar, era esse: cerca de 27 funcionários na sede, cinco no Centro de Convenções e 25 no Radium Hotel. A folha de pagamento era da ordem de Cr\$ 350 mil. Atualmente não se pode precisar com exatidão essa quantia, mesmo porque o departamento jurídico e de pessoal da Emcatatur não a fornece, mas pode-se calcular que ela tenha dobrado, uma vez que o número de funcionários hoje chega a casa dos 100, incluindo os que trabalham em Brasília, nas lojinhas dos aeroportos e os de fora da sede.

DESPESAS

Segundo o secretário da Indústria e do Comércio, "turismo é abrir estradas e construir hotéis". Realmente o Governo Estadual tem aberto algumas estradas e sabe-se que quatro novos hotéis serão construídos em regiões de montanha e de praia. No entanto, o que se espera em termos de trabalho concreto, pelo menos nos hotéis existentes, é maior ação da Emcatatur na divulgação e no aproveitamento turístico do Estado.

Essa é a opinião do presidente do Sindicato do Comércio Hoteleiro e Similares, Tuffi Nader: "Em épocas passadas, a Emcatatur realizou programações interessantes para o Estado, procurando acoplar o Espírito Santo à programação turística de Salvador, como região de passagem obrigatória dos turistas. A abertura da BR-101 nos deu incremento grande no número de visitantes que paravam em Guarapari e Vitória. Nessa época a Emcatatur, preocupada em dar à rede hoteleira e aos res-



José Carlos Monjardim Cavalcanti:
"Eu não gostaria de ver a Emcatatur transformada em órgão da administração direta. A Emcatatur vive o momento difícil do Estado como empresa e vai continuar vivendo como departamento de secretaria".

Os problemas econômicos da Emcatatur foram agravados na administração de Petronilho Batista, situação imposta pela crise do próprio Estado e pela defasagem entre a ação, os recursos e as dívidas. Dessa forma, mais uma vez se tentou criar uma fonte alternativa, que culminou com o Escândalo dos Motéis. Tudo começou com uma proposta da Emcatatur a proprietários de motéis, principalmente para vender apólices de seguro, através da Companhia Atlântica Boa Vista. Os donos dos motéis denunciaram que foram coagidos a aceitar um negócio que, na verdade, renderia lucros para a Emcatatur, na medida em que os quartos seriam classificados em A, B, e C, custando o seguro, respectivamente, Cr\$ 30 e 60.

O escândalo se formou através da denúncia de que o próprio presidente da Emcatatur estaria envolvido no processo de coação e que estaria, inclusive, lucrando pessoalmente com o negócio. O PMDB pediu a instalação de uma CPI para apurar os fatos, mas não encontrou respaldo. Em um relatório entregue ao governador Eurico Rezende, o presidente Petronilho Batista deu sua versão dos fatos e acabou exonerado.

Afastado de sua função, Petronilho Batista ainda afirma: "a Emcatatur é viável economicamente desde que se crie condições para isso. Eu tentei e estou convencido de que, se a Emcatatur tivesse conseguido o seguro de hotéis e similares (e ninguém me convence que motel não é similar de hotel), a situação econômica da empresa estaria resolvida".

Segundo ele, o escândalo aqui se formou pelo que aconteceu no Rio, mas "aqui não havia nada ilícito, tudo foi feito sob o conhecimento do Governo Estadual, que, agora, está tomando uma atitude simplista e incompetente, tentando transformar a personalidade jurídica da empresa".

O governo diz que não, mas deve existir alguma ligação entre a transformação da Emcatatur em departamento da Seic e o recente caso dos motéis. Uma coisa poderia ter apressado a outra sob a justificativa da inviabilidade econômica, numa situação em que há interesses diversos em jogo.

Com a decisão do governo de liquidar a empresa, fica patente que de alguma forma a Emcatatur sofrerá transformação em sua personalidade jurídica. Na assembléia, onde o Estado sozinho faria quorum, cerca de oito acionistas votaram contra a transformação da empresa em departamento, proposta essa declarada oficialmente pelo secretário Ademar Musso Leal. O processo de liquidação pode ser demorado e até lá, o clima permanece como o de espera pela morte. Os funcionários estão confusos, não sabem ao certo o que acontecerá com eles e o trabalho está lento, moroso, quase inexistente.

Na opinião de Valéria Aguiar, "a transformação representa um retrocesso no quadro turístico do Estado. Eu a entenderia se ela eliminasse as dificuldades da empresa, mas não acredito nisso porque como departamento estatal ela entrará na máquina burocrática do Estado, ficará menos flexível e mais controlada em suas ações".

Tuffi Nader é da mesma opinião e Angélica Fonseca, como todos os outros, também acionista da empresa, acha que "desde que haja pessoas certas para lugares certos, fazendo um trabalho objetivo e de equipe, o departamento não vai prejudicar a Emcatatur em termos de ação. Agora, vai haver prejuízo em termos de imagem da empresa, de status mesmo".

Infelizmente, parece que a opinião das pessoas entendidas em turismo não vai alterar a opinião daqueles que detêm o poder de decisão. Em todo lugar se começa o processo da criação de uma empresa de turismo com um departamento, e aqui o processo se inverte, o que, inevitavelmente, poderá repercutir muito negativamente aos olhos da Embratur, da população, e de outros órgãos de turismo. Com todas as falhas e escândalos, a situação deveria ser resolvida sem qualquer alteração na natureza da empresa, pois isso pode significar, mais uma vez, apenas uma maneira de mascarar os verdadeiros problemas.